

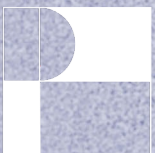
ISSN 2763-9258

TULHA

PET ARQUITETURA E URBANISMO



TULHA
V7_N8_2021



TULHA

PET ARQUITETURA E URBANISMO



TULHA

PET ARQUITETURA E URBANISMO

CONSELHO EXECUTIVO

EDITORA

Carolina Xavier Pinto de Souza

DIRETOR DE REVISÃO

José Victor Ribeiro Belarmino

DIRETOR DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Caio Rodrigues Ramos

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Lívia Bicudo Candido de Jesus

PROJETO GRÁFICO

Caio Rodrigues Ramos

CONSELHO EDITORIAL

Isabella de Aquino Machado
Luana Silveira Coelho
Moyra Oliveira Simões
Nadia Isadora Lopes
Thais Coelho Moda

TUTORA

Dra. Jane Victal

Revista TULHA. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Programa de Educação Tutorial - PET Arquitetura e Urbanismo. Campinas, SP n.1 (set. 2015) v.7, n.8 jun/nov 2021

Periodicidade anual a partir de 2016

ISSN 2763-9258

Rua Professor Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 -
Parque Rural Fazenda Santa Cândida - Campinas/SP
- CEP:13087-571
A/C CEATEC - PRÉDIO H12

A TULHA é uma publicação digital produzida pelo grupo PET Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas, que, desde 1992, desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão

EDITORIAL

É com enorme alegria que apresentamos a Revista TULHA nº8, produzida pelo PET Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Uma revista que vem passando por reformulações, com o intuito de trazer, a cada número, mais reflexões, discussões e diferentes sensações sobre Arquitetura e Urbanismo e seus mais diversos campos aos autores e leitores.

A inscrição na Biblioteca Nacional e, por consequência, adquirir o ISSN, foi um enorme marco para a revista e muito gratificante para todos os integrantes do corpo editorial deste número. Foi um processo que exigiu adequações e muito esforço para que o atingíssemos com êxito, garantindo que a revista seja reconhecida agora em âmbito nacional.

Agradecemos a todos os autores, colaboradores e leitores, de modo especial à comissão avaliadora do Concurso de Capa e Quebra de Páginas – Me. Fábio Boretti Neto de Araújo, Professora Dra. Ana Paula Giardini Pedro, petiana egressa Isabelle Gonçalves de Oliveira e petiano egresso Matheus Rodrigues Moura - cujo tema foi “Novos Tempos: Ressignificação e Democratização dos Espaços Públicos”, e que contemplou as artes do arquiteto e urbanista Victor Lucena, ilustrando a revista deste ano e compartilhando sua sensível visão sobre a temática. À Professora Dra. Luciana Bongiovanni Martins Schenk, que contribuiu com suas belas palavras sobre o tema do concurso.

Agradecemos também ao comitê avaliativo de seleção de ensaios – Professora Dra. Ana Cecília Mattei de Arruda Campos, Professora Dra. Maria Eliza de Castro Pita e a Professora Dra. Paula Francisca Ferreira da Silva – que fizeram uma seleção minuciosa de todos os trabalhos recebidos, juntamente com os editores chefes da revista. E, por fim, ao arquiteto e fotógrafo André Scarpa e à Dra. Gabrielle Astier de Villatte Weatley Okretic, que colaboraram com seus incríveis trabalhos. Sem vocês, a revista deste ano não seria a mesma.

Estar à frente deste número da Revista TULHA foi de enorme aprendizado, finalizando um lindo ciclo no grupo PET, com muita gratidão por todas as pessoas que conheci, amizades que fiz e por todos os ensinamentos adquiridos ao longo da graduação. De modo especial, agradeço a nossa tutora, Dra. Jane Victal, por toda a ajuda e conhecimento compartilhado, e a todos os integrantes do corpo editorial da Revista TULHA, que fizeram um trabalho ímpar para que a revista fosse publicada com sucesso.

Me despeço de mais uma etapa da minha vida, na expectativa do próximo número e das próximas realizações do grupo.

Carolina Xavier P. Souza

Carolina Xavier Pinto de Souza

SUMÁRIO

46

ensaios PROJETUAIS

P. 8
O DESENHO É UM ATO POLÍTICO
Victor Lucena

P. 10
NOVOS TEMPOS: RESSIGNIFICAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS
Luciana Bongiovanni Martins Schenk
Ilustração: Caio Rodrigues Ramos e Luiza Simionatto Budahazi

16

ensaios CIENTÍFICOS

P. 18
PAISAGEM CULTURAL NO BECO DO BATMAN: DA EXPERIÊNCIA DO CONCRETO AO MUNDO VIRTUAL
Luiza Simionatto Budahazi e Jane Vical

P. 24
ANÁLISE DO URBANISMO DAS CIDADES ÁRABES ISLÂMICAS
Sarah Vieira Paz Souza

P. 30
PROJETO DIST II A EXPERIÊNCIA EM CAMPINAS: UMA ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO PARA COMUNIDADES EMPREENDEDORAS
Gabrielle Astier de Villatte Weatley Okretic e Laura Machado de Mello Bueno

P. 40
POR UMA DEFINIÇÃO DE MITO, ORDEM E ORIGEM EM LINA BO BARDI: A NOÇÃO DE ORIGEM
Vera Santana Luz

P. 48
UIAMA
Ariadne Meo Santos Ayres, Gabriel Magalhães Teixeira, Isabella Maria Veronezi, Laura Botelho Santos, Maria Beatriz Soares Mercuri, Renata Bertuzzo Veiga, Rodrigo Geraldini Losano, Tauana Bertacco Queiroz e Victoria Rodrigues de Moraes

P. 60
COMPLEXO PRISMA MIOLO DE QUADRA
Bia Carvalho Costa Santos, Bruna Catarina Ludovico, Giovanna Loiola Marques e Isabelle Contiero

P. 66
ABRIGO EMERGENCIAL EM MADEIRA
Aaron David Paim Pavliuk, Anna Cecília Soares Mota, Helena Rosandiski Hiratuka, Luana Coelho Silveira, Luiza Cappelin Zago, Matheus Randi Bueno e Thaís Coelho Moda

P. 74
RESSIGNIFICAÇÃO DA ROTUNDA: INSTITUTO REGIONAL DA CULTURA
Grigor Pugliesi Bittencourt, Isabella da Rocha Dacal, Livia Bicudo Candido de Jesus e Marina Silva Faria Soares

P. 82
PIN SINALIZAÇÃO URBANA
Camila Valbert, Carolina Xavier Pinto de Souza, Isabel Reis de Souza, Larissa Namie Higa e Leticia Vasques Zerati

P. 86
A REGENERAÇÃO URBANA DO BAIRRO BOM RETIRO, SÃO PAULO
Bia Carvalho Costa Santos, Caio Rodrigues Ramos, Erik José da Silva, Luiza Simionatto Budahazi, Michelle Namie Maekawa e Rodrigo Issao Miyashiro

94

ensaios TEXTUAIS

P. 96

É POSSÍVEL FALAR DE UM LUGAR DA MULHER?

Bianca Rizk, Helena Martins Colombo, Isabela Nonato Criado, Lara Papin Briani, Nilma Karoline Souza da Conceição e Pâmela Nascimento Vieira

P. 100

ARQUITETURA DO VAZIO: A CONCEPÇÃO DE NADA E DE TUDO

Caio Rodrigues Ramos, Giovanna Loiola Marques e Luma Cristina Cavallaro

P. 106

O ENCONTRO ENTRE A ARQUITETURA E A DANÇA

Milena Furlan Andrello e Sarah Maria Miranda Lima

P. 110

RAÇA: UM OLHAR “SOB” A ARQUITETURA E O URBANISMO

Ana Beatriz Balbino Gonçalves

114

ensaios GRÁFICOS

P. 116

HOMENAGEM AO ARQUITETO PAULO MENDES DA ROCHA

André Scarpa

P. 132

ENTRE TEMPOS

Marília Dal Bem Grizzo

P. 138

REBELDIA

Marília Dal Bem Grizzo

142

concurso de CAPA

P. 142

VICTOR LUCENA

1° Lugar

P. 144

ANNA CECÍLIA SOARES MOTA

2° Lugar

P. 154

GUILHERME MOURA MASSUCATO

3° Lugar

NOVOS TEMPOS: RESSIGNIFICAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

O DESENHO É UM ATO POLÍTICO

Todo desenho de arquitetura tem uma responsabilidade inerente, ele irá afetar vidas. Tanto das pessoas que irão executar esse desenho, tornando-o real, quanto das que irão conviver com o projeto finalizado. Essa responsabilidade fica ainda mais evidente em um contexto de espaço público, onde cada decisão do desenhista afeta diretamente um número maior de pessoas.

Cabe ao arquiteto perceber a profundidade de cada traço. O projeto nunca está desconectado da realidade em que ele está inserido, o desenho pode legitimar, corroborar, criticar e até confrontar, mas nunca se isentar dessa realidade.

A arquitetura hostil, tema cada vez mais em discussão, não se faz presente somente em sua forma mais bruta e direta, como no caso de repercussão nacional das pedras pontiagudas instaladas sob um viaduto, na Zona Leste de São Paulo, e denunciado pelo Padre Júlio Lancelotti. Esse projeto excludente está presente em diversas cidades, muitas vezes escondidos por eufemismos e formas que buscam enaltecer um desenho que tenta se desvencilhar de seu contexto e principalmente de sua responsabilidade. O objetivo é claro, expulsar moradores de rua de espaços públicos.

Um mobiliário urbano pode ressignificar um espaço público, trazendo acolhimento à população, a convidando a viver a cidade. Mas também pode expulsar, dificultar a permanência e o convívio, transformando os espaços públicos em lugares somente de passagem.

As artes expõem de forma gráfica as intenções desse desenho de mobiliário urbano contemporâneo cada vez mais normalizado, se propondo a despertar um olhar crítico sobre esses mobiliários e levantar a discussão para futuros projetos, qual o impacto do seu desenho?

Victor Lucena, arquiteto, formado pela PUC-Campinas em 2019, metido a ilustrador.

V. Lucena
Victor Lucena
@sagaz_

Novos Tempos: Ressignificação e democratização dos espaços públicos

AUTORA

Dra. Luciana Bongiovanni Martins Schenk
Arquiteta e Urbanista/Docente no Instituto
de Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo e do Programa de Pós-
Graduação, (IAU - USP)

ILUSTRAÇÃO

Caio Rodrigues Ramos
Luiza Simionatto Budahazi
8º sem. de Arquitetura e Urbanismo,
PUC-Campinas

Afinal, o que pode almejar a Arquitetura e o Urbanismo em resposta ao mundo? Ou, melhor estabelecido o recorte, que resposta é capaz de formular a Arquitetura e Urbanismo para esse território brasileiro, imenso, diverso e desigual?

Como não sentir a pressão do desafio frente a tantas informações? Temos uma formação complexa e multidisciplinar que nos leva a pensar em tantas entradas, questões, possibilidades de abordagem...

Nesse volume a pauta elege o espaço público, essa categoria que poderia ser um conceito, se estivessemos entre juristas e se tratasse de questão fundiária, estrito senso. Mas nossa experiência tensiona essa chave, e é positivo que essa tensão se instale: em tempos de mudança, quando o mundo se torna instável e nosso papel nesse mundo, bem como as condições de vida humana repercutem essa instabilidade, é natural que pensemos sobre essa situação. (ARENDRT, 2004)

A filósofa Hannah Arendt, mais conhecida por seu livro *A Condição Humana* de 1958 é referência fundamental quando se estuda as dimensões e significados do espaço público, lugar da vida urbana por excelência. Sua fala se constrói nessa peculiar imagem que distingue o público como o lugar da comunicação, da potencial troca que se realiza a partir dessa possibilidade que nos distingue e define: dialogar.

Aqui a complexidade se apresenta, em um estado democrático o lugar da vida urbana é a convivência na diferença, somos iguais e diferentes: iguais nos direitos e deveres; diferentes enquanto grupos e interesses. Contudo a vida política exige que construamos convergências, aqui as particularidades estarão em segundo plano, denominadores comuns nos unirão e, fundamentalmente os conflitos dizem respeito a diferentes interesses, que manifestam diferentes princípios e valores.

A arena onde esse jogo se apresenta é especialmente o espaço público. Ali tudo significa, perceber, ler, revelar, as informações concorrem e nos afetam.

Pensar é elaborar sobre essas informações, exercício político e aprendizado fecundo. No caso específico da Arquitetura e do Urbanismo, pensar é represen-



¹...as metáforas sendo o pão de cada dia de todo o pensamento conceitual." Responsabilidade e Julgamento. ARENDT, Hannah, 2004:75.

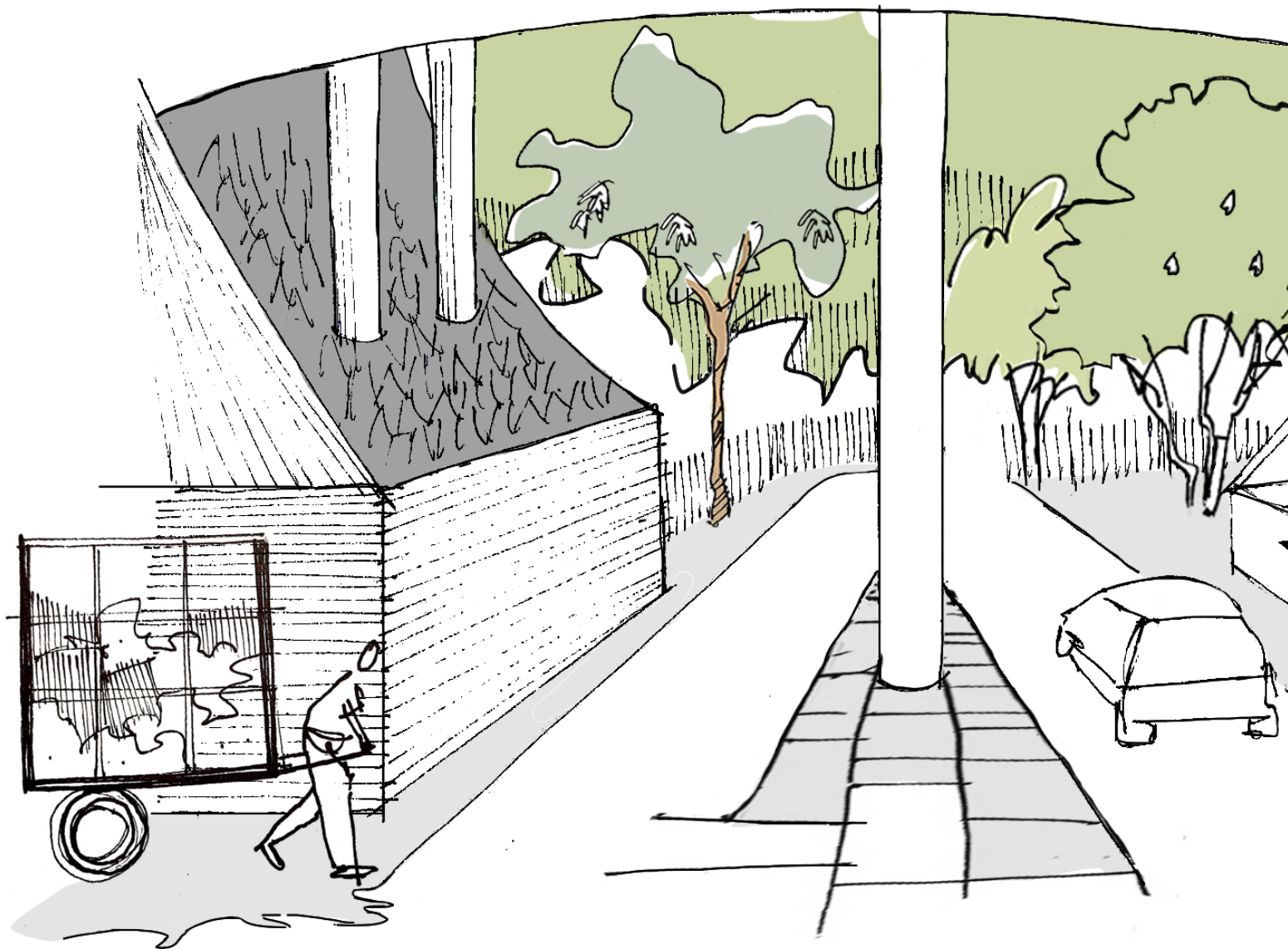


tar, propor é desenhar. Aqui a representação registra esse movimento na direção de uma síntese, que envolve um sem número de idas e vindas, croquis, desenhos, recursos virtuais de diversas ordens unindo pontas que vem de diferentes lugares: história, memória, dados físicos e sociais, cultura, evolução morfológica, cartografias, documentos, fotografias, depoimentos...

A temática em tela guarda uma narrativa: o espaço público brasileiro sofreu um encolhimento, a modernidade e seus modos de vida nos tiraram das calça-

das e ruas, das praças, dos parques onde eles tiveram a sorte de existir... No Brasil, esse movimento teve feições próprias e particulares em suas muitas cidades, nos seus mais de cinco mil municípios cuja população, atesta o IBGE, é majoritariamente urbana.

Na literatura e nas revistas internacionais esse fenômeno de encolhimento vem sendo revisado e o espaço público resgatado nas últimas décadas. Lugar de trocas, é o espaço protagonista da qualidade de vida, compreendida como mobilidade, saúde, lazer, encontro.



Há aqui um paradoxo que instala um debate que, longe de se resolver, só amplia o desafio de querer ser arquiteto(a) urbanista nesse país. Não há como desviar o olhar do que se passa em nossa realidade. O espaço público brasileiro expõe nossas fragilidades justamente por sua natureza pública. Acessível, ele é o espaço da oportunidade, da venda de produtos, da economia alternativa, da moradia, da ausência. Ele acumula problemáticas que não veremos comparecer nas revistas e sites internacionais. E isso só confirma sua natureza política, a

paisagem que encontramos é a expressão de nossas escolhas como sociedade.

Retorna a questão: que respostas serão possíveis?

Uma resposta que não se furte à complexidade do presente não será uma resposta simples, mas uma resposta com perguntas, proposições, ofertas de diálogo engastadas e amalgamadas em sua formulação.

Lugares para a vida, em suas muitas dimensões.



